

Ponte de Serrières - Suíça

Offerecemos hoje aos nossos leitores uma vista da bella ponte de Serrières e chamamos a attenção sobre este monumento.

A singular posição do cantão de Neuchâtel, metade suíço, metade prussiano, dá-lhe uma alta importancia.

Serrières é um dos pontos mais animados da Suíça. Ao pé d'um dilatado arrombamento que existe do lado do lago, de que é afastado cerca de um quarto de legua, jorra em jactos multiplicados uma abundante nascente, que faz mover um consideravel numero de machinas, moí-nhos, forjás, serras, etc. A constante limpidez da agua e a pequena variação do seu volume indicam um grande reservatorio profundo e longiquo. Esta corrente d'agua denomina-se Serrières.

A estrada de Neuchâtel ao paiz de Vaud percorre a costa parallelamente ao rio; chegando-se a Serrières era necessario fazer um grande rodeio pelo lado do lago para chegar, por uma descida, proximo da embocadura do rio, que se atravessa por duas pontes, para depois subir tanto quanto se havia descido. Este circuito, sempre penoso, para ambos os lados, e algumas vezes perigoso, fazia desejar desde muito tempo a continuação directa da estrada por meio de uma ponte de communicação de uma das margens escarpadas da Serrières á outra margem. O magistrado de Neuchâtel concebeu este projecto, de que por diversas vezes se occupou, sem nunca ter resolvido coisa alguma; finalmente, em 1907, um decreto de Alexandre Berthier, então principe de Neuchâtel, auctorisou uma empresa, que encetou os trabalhos e os concluiu em dois annos, segundo o plano de M. Céard, habil engenheiro das pontes e calçadas de França.

A ponte de Serrières obteve os elogios unanimes dos entendidos na arte, sob o ponto de vista da ousadia e bella execução, e o proprio passageiro pára e extasia-se ao contemplar o quadro animado que offerece, muito abaixo d'elle, o

movimento das officinas, e a queda da agua no rio, sombreado pelas nogueiras, que se elevam de suas margens, e cujos cimos apenas attingem a abobada da arcada da ponte.

## NICOLÃO MACHIAVEL

### Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un nome dei più grandi che l'Italia, tanto feroci di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 184)

## XI

Dizer cousas vagas, generalidades phantasiósas, lançar alguns traços geraes brilhantes, a respeito de um auctor e dos seus escriptos, poderá captivar por um instante a attenção de quem lê para distrair; mas jamais satisfará a bem entendida curiosidade das pessoas que pretendem adquirir sólida instrucção.

Não larguemos, pois, das mãos o livro de Machiavel — as *Historias Florentinas*, — em quanto não virmos, independentemente dos excerptos que já apresentámos, se em algumas passagens mais da recommendavel obra recebem confirmação os louvores que lhe técem Ginguené, Artaud, Lord Macaulay.

— Bem merecidos são os gabos que Macaulay dá ao papa Clemente VII, em quanto á liberdade que deixou a Machiavel de escrever desassombradamente e sem adulação os feitos dos Medicis; mas não menos louvor merece o Secretario Florentino, pela nobre isenção, com que effectivamente se houve na sua escriptura.

É digna de ser lida, n'este sentido, a preciosa Dedicatória — *Al Santissimo e Beatissimo Padre e Signor Nostro Clemente VII lo umil servo Niccolò Machiavelli*. —

Ali declara Machiavel que o seu illustre patrono lhe recommendára que escrevesse as cousas dos Medicis, seus antepassados, sem o menor vislumbre de adulação:

—E perchè dalla V. S. Beatudine mi fu imposto particolarmente e commandato ch'io scrivessi in modo le cose fatte da i suoi maggiori, che si vedesse ch'io fussi da ogni adulazione discosto, perchè quanto lè piace di udire de li uomini le vere lodi, tanto le finte e a grazia descritte le dispiaccino, dubito assai nel descrivere la bontà di Giovanni, la sapienza di Cosimo, la umanità di Piero, e la magnificenza e prudenza di Lorenzo, che non paja alla V. S. ch'io abbia traspassati i commandamenti suoi. —

—E por quanto Vossa Santidade me ordenou, mui particularmente, que eu escrevesse os feitos de seus maiores, arredando toda a adulação; pois quê, se lhe é grato ouvir lóuvores merecidos, muito lhe desagrada ouvir os que partem do fingimento, ou do favor: tenho receio de que, ao descrever a bondade de João, a sabedoria de Cosme, a humanidade de Pedro, e a magnificencia e discrição de Lourenço, pareça a Vossa Santidade haver eu transpósto os seus preceitos. —

Ahi mesmo se encontra a expressão do nobre orgulho de Machiavel, ao recolher o testemunho da sua consciencia (confirmado pelo próprio livro), que lhe dizia ter sido independente, imparcial, justiceiro, e haver-se afastado da vil e abjecta adulação. Ouçamol-o n'este lance:

—Ma quanto io sia discosto dalle adulazioni si conosce in tutte le parti della mia istoria, e massimamente nelle concioni e nè ragionamenti privati, così retti come obliqui, i quali con le sentenze e con l'ordine il decoro dell'umore di quella persona che parla senza alcun riservo mantengono. Fuggo bene in tutti i luoghi i vocaboli odiosi, come alla dignità e verità della istoria poco necessari. Non puote adunque alcuno che rettamente consideri li scritti miei, come adulatore riprendermi, massimamente veggendo come della memoria del padre di V. S. io non ne ho parlato molto: di che ne fu cagione la sua breve vita, nella quale egli non si potette far conoscere, né io con lo scrivere ho potuto illustrare. —

O que, em linguagem, quer dizer o seguinte:

—O quanto eu me afastei da adulação, vê-se bem da minha *Historia*, em todos os pontos, e particularmente das allocuções, e das conversações intimas, directas ou indirectas, nas quaes me esforcei por me conformar, sem reserva alguma, com as exigencias do temperamento, da indole, da indisposição individual da pessoa que falla; evitando aliás os vocabulos odiózos, que desdizem da dignidade e da verdade da Historia. Ninguém, pois, se attentamente fór lida a minha obra, poderá acoimar-me de adulator, e maiormente ao vêr-se que bem pouco disse da memoria do pae de Vossa Santidade: tão curta foi a sua vida, que nem elle pôde chegar a fazer-se illustre, nem a mim era permittido exaltá-lo na minha escriptura. —

—Em 1523 punha Machiavel em ordem os materiaes para a historia de Florença; em 1524 lidava diligentemente na composição da sua obra, como consta de uma carta que n'esse anno escreveu a Guicciardini, seu amigo, e futuro con-

tinuador do trabalho historico de Machiavel. Resava assim a carta:

—Tenho-me occupado, e me occupo actualmente — na minha casa de campo — de escrever as *Historias*. Pagaria eu dez sòldos, não digo mais, para que vós estivesseis ao pé de mim, para vos mostrar o ponto a que tenho chegado. Cumprime descêr a algumas particularidades, e muito necessario me fôra que me aconselhasseis sobre a questão de saber, se offendo muito em exaltar ou em rebaixar as cousas. Não ha remedio senão tomar conselho comigo mesmo; diligenciarei expôr as cousas de modo, que, em dizendo a verdade, ninguem tenha occasião de queixar-se. —

Em 1525 estava terminado o trabalho de Machiavel, e n'esse mesmo anno o enviou ao papa Clemente VII, recordando-lhe que antes de Sua Santidade subir ao throno pontificio, e sendo ainda cardeal, o incumbira de escrever os feitos do povo Florentino. É de saber, para bem nos orientarmos n'este particular, que o cardeal Julio de Medicis foi eleito papa no anno de 1523, no conclave (que durou 50 dias!) celebrado depois do fallecimento de Adriano V, que succedera a Leão X em 1521. Quando, pois, Machiavel concluiu o seu escripto, já o cardeal Julio estava no pontificado — havia tres annos; e a posição do historiador era duplicadamente melindrosa. Por um lado, cumpria-lhe attender a que dedicava a sua obra a um alto representanté da illustre familia dos Medicis, — e por outro lado era indispensavel considerar que o novo pontifice estava interessado em que os papas, seus predecessores, não fôsem maltratados pelo historiador do povo Florentino.

No que respeita á familia Medicis, á qual pertencia o papa Clemente VII, houve-se Machiavel com a mais louvavel isenção, louvando sómente aquelles que lhe pareceu merecêrem louvor, e não occultando, ainda assim, as semrasões ou faltas que encontrou na vida dos mais beneméritos. E n'este ponto levou tão longe o escrupulo, que péde como que desculpa a Clemente VII de haver descripto a bondade de João, a prudencia de Cosme, a humanidade de Pedro — o antigo, a magnificencia e o juizo de Lourenço.

No que toca aos pontifices que precederam Clemente VII, já os leitores viram no artigo VIII, na propria linguagem do historiador de Florença, as passagens que tornam evidente a louvavel franqueza e inteira independencia, com que Machiavel exprimio o que sentia. Recapitulêmos, attenta a gravidade d'este ultimo ponto, a substancia d'aquellas passagens.

Não teve Machiavel a menor duvida em asseverar que os papas, ao principio empregaram as censuras, e depois a força das armas e as indulgencias: de tudo fizeram ruim uso, e ao cabo ficaram á mercê de estranhos.

Abstendo-se de julgar as Cruzadas, nem por isso deixou de apontar o motivo que tivéra Urbano II para prégar a primeira. Era aquelle pontifice detestado em Roma, e não se suppondo seguro na Italia, em rasão das divisões que ali grassavam, tomou a ousada deliberação de partir para França com todo o clero.

Não hesitou Machiavel em condemnar o erro que os papas commettiam de attraír á Italia as armas estrangeiras, — umas vezes movidos de um demasiado zelo de religião, outras vezes in-

citados pelo mais deploravel estímulo de ambição pessoal.

Em additamento ao que dissémos no citado artigo VIII, mencionaremos uma avisada consideração de Ginguené, que põe em relêvo a nobre independência de Machiavel, com referencia á arguição feita aos pontifices de chamarem á Italia—às armas estrangeiras. — Machiavel não se intimidava de exprimir uma tão severa censura, quando dedicava e offerencia a sua obra ao papa Clemente VII; e comtudo incorria este mui positivamente em tal desacôrto, e commettia incessantemente uma tal falta, pois que, ora invocava Carlos V contra Francisco I, ora Francisco I contra o imperador.

Igualmente, como já vimos, stygmatisou Machiavel nas *Historias Florentinas* o indecoroso nepotismo, que manchou a reputação de alguns pontifices. Não se acobarda Machiavel de observar que até ao pontificado de Nicoláo III não se tinha ouvido fallar de tão escandaloso abuso; mas que de então em diante apresentára a historia bastos exemplos, mencionando, não só os sobrinhos e os parentes dos papas, mas até os filhos d'estes.

— O que, porém, não apontámos no artigo VIII, e que aliás meréce especial menção, é o seguinte:

A proposito da famosa conspiração de *Porcari* em Roma, no pontificado de Nicoláo V, dá Machiavel as mais evidentes provas da independência do seu juizo. *Stefano Porcari* propunha-se a nada menos, do que a libertar os romanos do governô sacerdotal; e tanto bastaria para que um escriptor timorato, dedicando a sua obra a um papa, encarasse a empreza de *Porcari* como uma insigne loucura, e até como um grande crime. Pois, não succedeu assim. Machiavel falla gravemente do conspirador, e só lastima que lhe faltasse o tino prudencial. Este episodio meréce que nos detenhâmos um instante.

«Vivia por esse tempo, diz Machiavel no Livro VI, vivia por esse tempo em Roma *messer Stefano Porcari*, cidadão distincto pelo nascimento e pelo saber, mas ainda mais distincto pela elevação da alma. Avido de gloria, desejava commetter, ou pelo menos tentar alguma empreza digna de ser transmittida á posteridade. Neste sentido lhe pareceu que nada de mais grandioso poderia apprehender, do que arrancar a sua patria do poder dos prelados, e restituil-a ás antigas leis, esperanddo que, se bom exito tivesse, não deixaria Roma de o appellar seu novo fundador, seu segundo pae. O que lhe inspirava confiança de ser bem succedido, eram os ruins costumes dos prelados, e o descontentamento dos nobres e do povo romano.»

Machiavel, verdadeiramente entusiasmado, crê que *Stefano Porcari* se deixára repassar do fogo d'aquella arrebatada canção de Petrarca:

*Sopra il monte Tarpejo, Canzon, vedrai  
Un cavalier ch'Italia tutta onora  
Pensoso più d'altri, che di se stesso (1);*

e acrescenta: — *Messer Stefano Porcari* sabia que por vezes são os poetas animados de um espirito divino e prophético; e assim acreditava que bem

(1) «Canção! tu verás no cimo do monte Tarpeio um valleiro, a quem a Italia inteira exalta, e que mais pensa nós outros, do que se occupa de si proprio.»

podia esperar o acontecimento prophetisado por Petrarca n'esta canção, e que lhe cumpria executar um tão glorioso projecto, visto ser elle *Porcari* superior a outro algum romano pela eloquencia, pela sciencia, e pelo numero de amigos. —

A empreza de *Porcari* mallogrou-se. Tanto elle, como alguns dos conspiradores, caíram nas mãos de Nicoláo V, que immediatamente os fez justicar.

Machiavel termina a exposição d'aquelle acontecimento com a seguinte ponderação: — Tal foi o fim d'aquelle projecto. Em verdade, possível é que alguém tenha louvado a intenção de *Porcari*; mas toda a gente censurará sempre o seu escasso juizo prudencial. Se emprezas taes, quando são imaginadas, offerécem alguma sombra de gloria, é certo que de ordinario, quando se effectuam, são causas de inevitaveis desgraças.

— Proseguirémos, no artigo immediato, no estudo das *Historias Florentinas*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## PORTUGAL E O GRANDE DESIGNIO DE HENRIQUE IV

### I

Um dos maiores politicos do seculo XVI foi incontestavelmente Henrique IV; teve no seu tempo grandes adversarios ou grandes rivales; mas o espirito fino e astucioso do bérnez venceu constantemente os esforços dos seus inimigos, desenredou as tramas dos seus competidores. Era Philippe II um luctador formidavel, um sombrio contendor; mas a paixão do despotismo, o fanatismo do catholico annuviavam-lhe bastantes vezes o senso politico, aliás lucido e firme; era uma grande rainha, Isabel de Inglaterra, mas era mulher, e os seus caprichos feminis e as suas pueris vaidades fizeram-na entrar muitas vezes n'um caminho errado; só o rei Henrique IV de França, sempre sereno e sempre risonho, superior ás paixões quando se tratava dos negocios da governança, soube gnar com mão segura as redeas da diplomacia, soube espreitar com vista desassombrada o horizonte politico da Europa, adivinhar e prevenir as tempestades, ler nas estrellas do céu a indicação do rumo que devia seguir no revolto Oceano da sua época.

Quando Henrique IV appareceu na vida politica, eram as questões religiosas as dominantes na Europa; o catholicismo e o protestantismo travavam-se em lucta mortal, presagiando a contenda formidavel que, seculos depois, havia de pôr frente a frente o despotismo e a liberdade. Debai-xo da discussão de symbolos e de crenças podia-se já sentir palpitar a lucta dos principios politicos; o protestantismo, com o seu direito de exame, a sua reivindicção da emancipação do pensamento, fazia vibrar na Europa o primeiro toque do rebate revolucionario; o catholicismo, com o seu respeito pela tradição, com a sua proclamação do principio da auctoridade, começava tambem contra as tendências liberaes essa longa lucta de seculos, que ainda hoje não findou, e em que a reacção procura sempre recobrar o terreno perdido, e apertar de novo nos pulsos dos povos

o velho grilhão com que no principio do seculo XVI os tinha maniatados.

As potencias essencialmente catholicas, os dois focos da resistencia as ideas novas eram a theocratica Roma, e a despotica Hespanha; os paizes onde mais alto se erguia o pendão da liberdade religiosa eram a democratica Suissa, a republicana Hollanda, a parlamentar Inglaterra.

Definiam-se bem claramente os principios secretos que presidiam a esse combate, na apparencia exclusivamente religioso.

A França estava dividida, como sempre, em duas poderosas facções, a dos catholicos e a dos protestantes. Nunca houve paiz onde o culto da monarchia e o culto da liberdade encontrassem ao mesmo tempo mais fervidos sacerdotes. É a terra onde a tradição mais respeitos concilia, onde as aspirações liberaes encontram mais enthusiasmo; é a terra das exaltações, a terra dos fanatismos, a terra das aventuras, é a unica terra talvez onde são possiveis ao mesmo tempo a Vendéa e Paris, o asylo da fidelidade inconcussa aos velhos principios, e o foco ardente onde se estão constantemente elaborando, para depois resplandecerem aos olhos da Europa culta, os principios novos, é a terra enfim onde a mortandade de S. Bartholomeu, esse 2 de setembro do despotismo, tem um parallelo e quasi que uma desculpa ou uma justificação no 2 de setembro, o S. Bartholomeu da liberdade.

Nos fins do seculo XVI exaltou-se a França, como sempre, pelos dois principios que então dividiam o mundo: a nobreza, impaciente do jugo, a que depois de Luiz XI os reis a tinham submettido, e desejosa de recuperar a sua velha independencia, adoptou os principios do protestantismo, que excitavam as consciencias á revolta contra a authoridade, e, pondo em questão a infallibilidade do papa, punham ainda mais em questão o direito divino dos reis. Uma grande parte da nobreza fez-se por conseguinte huguenote. Pelo contrario a realza inclinou-se para o lado do catholicismo. Era natural. O povo, indifferente ao debate ainda não chegara a hora de elle entrar em scena, encostava-se para o lado do sceptro, onde estava costumado a encontrar um amparo contra a prepotencia dos nobres. Demais, na ignorancia em que estava mergulhado, as novidades religiosas não podiam ser por elle acolhidas de boa mente, principalmente quando essas novidades eram simples abstracções. O povo era catholico por instincto, e catholico por educação.

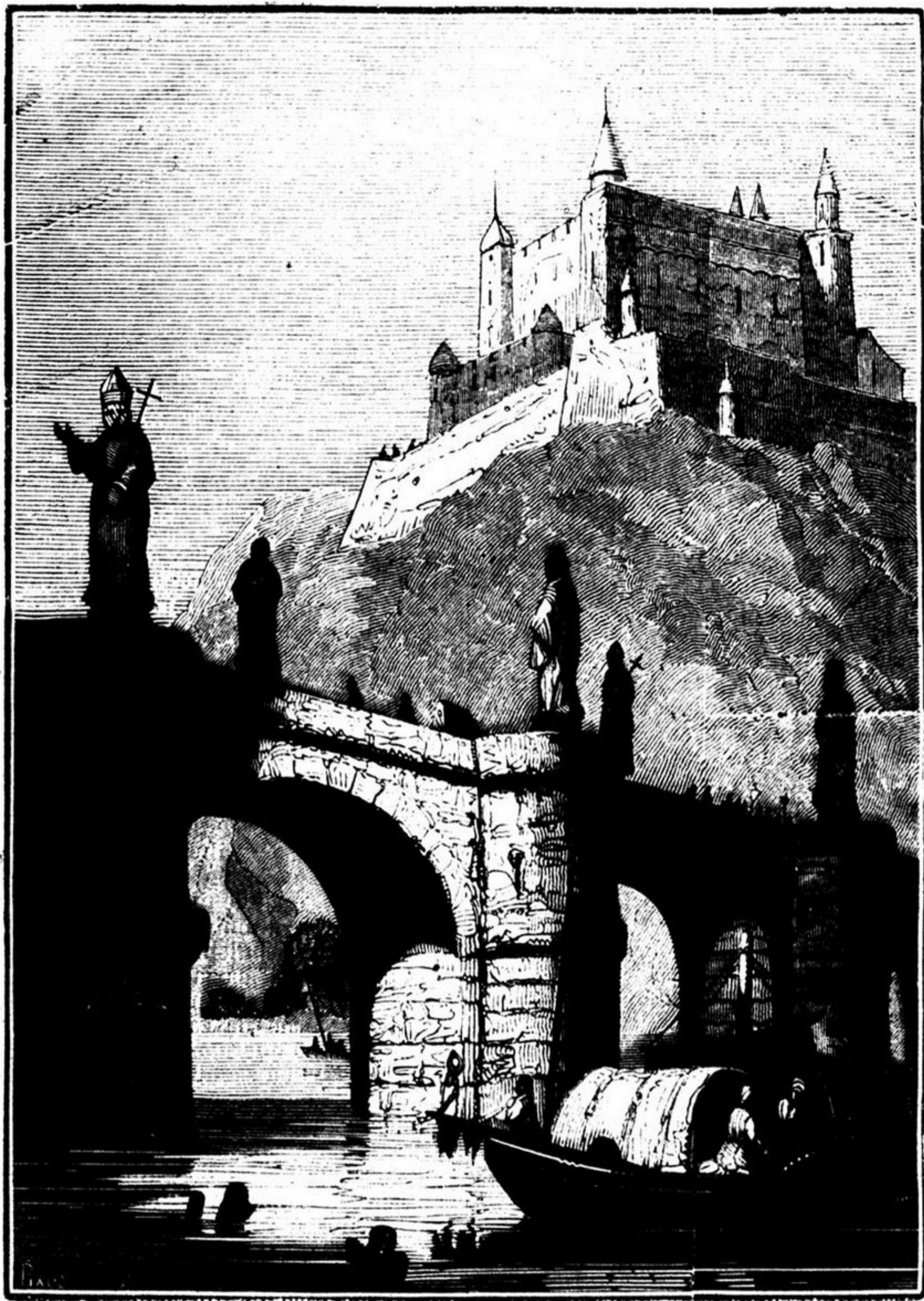
Nascido em Navarra, que, desde que Fernando o Catholico lhe arrancara as provincias hespanholas, passara a ser simplesmente um grande feudo vassallo de França, feudo que sobrevivera pela sua posição excepcional á extincção do feudalismo, Henrique IV, herdeiro d'esse throno precario, estava indigitado naturalmente para chefe da nobreza franceza quando essa nobreza se revoltava contra o rei. Ninguem tinha mais direitos do que um principe da casa de Bourbon, descendente de S. Luiz, da mesma forma que a familia de

Valois reinante em França, para capitanear os fidalgos descontentes do reino cujo soberano se dizia christianissimo. A casa real de Navarra percebeu essa missão, e resolveu-se a cumpril-a; o pae de Henrique ja era considerado chefe dos huguenotes; essa prerogativa passou para o filho, quando, privado de mãe e de pai, na idade que confina com a adolescencia e com a juventude, se vio exposto na côrte de França, aonde fôra attraído manhosamente, a perigos que forçosamente corria quem tinha Catharina de Medicis por inimiga ligadal, e quem era considerado como um adversario perigoso para a integridade do reino de França, e para a segurança do diadema.

Essa precaria situação foi um noviciado terrivel, mas proveitoso, para o mancebo que se devia chamar Henrique IV. Assistio, senão impassivel, pelo menos affectando serenidade, ao morticinio de S. Bartholomeu, vio-se innumeras vezes em perigo extremo, e escapou sempre a tudo, graças ao seu sangue frio, que não era completamente espontaneo, mas que por isso mesmo se tornava ainda mais notavel, graças á sua prudencia e ao seu tacto, e escapou com o espirito amadurecido pelo sol d'esses dias longos e angustiosos que para elle valiam annos, e que semearam prematuramente de argenteos fios os cabellos que molduravam a sua fronte pensadora, a sua cabeça fina e espirituosa.

Por uma serie de circumstancias felizes, que elle aproveitou com habilidade rara, habilidade de general, habilidade de diplomata, vio-se enfim arbitro dos destinos da França, e teve a coroa tão proxima que lhe bastava estender a mão para a empolgar. Pediam-lhe apenas os representantes da França, nas conferencias de S. Diniz, a abjuracção do protestantismo. Henrique IV abjurou. «*Paris vaut bien une messe*» dizia elle rindo. Os seus correligionarios enfureceram-se, o papa absolveu-o, e a maioria da França applaudio-o com enthusiasmo, feliz d'essa transigencia, que a salvava da anarchia, e que ao mesmo tempo a não humilhava, a ella catholica e monarchica, obrigando-a a passar pelas forcas caudinas que os huguenotes triumphantes se dariam pressa a arvorar-lhes.

E seria necessario realmente a Henrique IV, para poisar na cabeça a corôa de França, abjurar a religião de seus paes? Não era; depois de tantas victorias, depois d'um assedio em que Paris, reduzida á ultima extremidade, apenas devêra a sua salvacção á calculada generosidade do adversario, e estava prompta a render-se á discricção, porque outro salvaterio lhe não restava, se Henrique IV quizesse entrar como conquistador em Paris, ninguem poderia oppor-se-lhe, e a fortuna da guerra permittia-lhe dictar aos seus adversarios as condições da capitulação. Paris valia de certo uma missa; mas, nas circumstancias em que estava o fundador da dynastia dos Bourbons, era escusado o sacrificio da missa para realisar a conquista de Paris.



Ponte de Wurtzbourg e forte de Marienberg

A antiga e pittoresca cidade de Wurtzbourg, situada n'uma deliciosa encosta, e cercada de magnificas margens, é uma das mais bellas e ricas cidades da Baviera. Wurtzbourg é dividido em duas partes pelo Mein, que n'este sitio é d'uma consideravel largura: a navegação d'este rio, constantemente repleto de embarcações não contribue pouco para dar á cidade a actividade que se lhe nota.

A parte da cidade situada na margem direita denominava-se o *antigo* Wurtzbourg; a outra parte, edificada na margem esquerda, chama-se *bairro do Mein*. Communica-se de uma a outra margem

por uma ponte de 540 pés de extensão e formada sobre oito arcadas. A cidade é cercada por uma alta muralha e por um fosso profundo. No bairro de Mein, a 400 pés de altura, eleva-se o forte de Marienberg que serve de cidadella á cidade; e no meio d'esta fortaleza nota-se aos viajantes uma antiga construcção, que passa por ser os restos d'um templo da deusa *Frega*, a Venus dos scandinavos. A cidade propriamente dita não é regularmente edificada, havendo poucas casas construidas de pedra, e comtudo conta alguns monumentos bons. O castello real e a cathedral são dignos de menção. Wurtzbourg possui mui-

tos estabelecimentos de utilidade publica, taes como o hospital de Julius, e mais doze, e outras fundações de beneficencia, bibliothecas, e grande numero de escolas de differentes grãos.

A universidade, que goza de grande reputação, é frequentada regularmente por 700 alumnos, tanto nacionaes como estrangeiros.

Na época da revolução franceza, a cidade e o seu territorio formavam o grande ducado de Wurzburg, que, pelos tratados de 1814 e 1815, foi reunido ao reino de Baviera, do qual é agora uma das mais bellas possessões.

A gravura, que damos, representa a ponte e a fortaleza de que acima fallamos.

## OS ANNOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 191)

### IX

#### Continúa a correspondencia de Ernesto

«AMIGO. — As relações epistolares estabelecidas entre mim e a mulher, que para sempre havia fixado o destino da minha vida, tinham continuado por alguns dias, tão singelas e perfumadas como as flores que nos serviam de mensageiras! Nunca os namorados de todos os tempos tinham, nas suas sempre felizes invenções, encontrado meio mais adequado de fazer servir a innocencia, cuja são emblema as flores, de mensageiras das suas ternuras! mas nunca tambem relações amorosas, da cathegoria d'essas que o mundo, na sua hypocrisia estygmatisa, haviam menos envergonhado as suas castas medianeiras! Laura poderia corar dos sonetos de Petrarcha, se antes d'elles houvesse lido as nossas cartas. Paulo não escreveria a Virginia com mais innocencia e candidez.

«E assim viviamos os dois

•N'aquelle engano d'alma lèdo e cego,  
•Que a fortuna não deixa durar muito»;

assim nos deixavamos ir, balouçados na placida corrente de uma existencia bonançosa, sem ver que a voragem, escôndida traicoeiramente sob a apparente serenidade da superficie d'aquelle lago formoso, orlado de verduras, e engrinaldado de flores, podia submergir o fragil baixel da nossa ephemera ventura!

«Foi Clementina, com a sua perspicacia de mulher, quem primeiro despertou d'aquelle sonho, encantado, como os dos contos orientaes, para acordar na triste realidade de uma existencia desgraçada.

«Uma tarde, em que a vaga oppressão que sentia no espirito me presagiava uma grande desgraça, do mesmo medo que o barometro, cedendo á pressão atmospherica, prenuncia a aproximação da tempestade; n'uma tarde, em que, segundo a convenção, passava por debaixo das janellas de Clementina, caiu-me aos pés um ramo, que, em vez de me alegrar, como de costume, me condensou mais a nuvem de tristeza que estendia as suas negras asas sobre o meu coração. E eram alegres e risonhas aquellas florinhas, exhalavam doce perfume, sorriam de viço e fresquidão, não parecia poderem ser mensageiras de má nova! Todavia afigurou-se que, em vez do fresco orvalho da madrugada, lhes

haviam rociado as petalas mimosas lagrimas ardentes de mulher, e que em vez da tepida brisa da tarde as havia balouçado na hastea o halito abrasador com que ella exhalava do peito uma blasphemia de sentimento.

«Presentimentos de namorado!

«A carta que se escondia entre as corollas d'aquellas flores dizia assim:

«*Ernesto.* — Despertei do sonho e é mister que «o desperte tambem. Sei que vou fazer-lhe mal, «mas ha de abençoar-me, meu amigo! O seu espirito é bastante elevado para comprehender o «meu sacrificio, e a sua alma tem bastante grandeza para me acompanhar n'elle. O que fra- «quejasse era covarde, e eu, como mulher, detes- «to a covardia. Pensou acaso já um momento «sequer no destino d'esta mutua affeição, em que «nos temos deixado embalar como creanças que «somos? Encontra-lhe outra solução que não seja «a infamia? a infamia que nos ha de fazer en- «vergonhar um do outro? Triste desenlace de «um affecto tão puro! Dar-me-ia depois o seu «despreso, e eu quem sabe se o despresaria tam- «bem! O desengano havia de chegar um dia «para ambos, e é melhor que venha em quanto «d'este amor podemos guardar, um e outro, uma «dulcissima recordação. Ficarei a seus olhos sem- «pre digna de estima, e no meu coração ficará «por si, Ernesto, a estima mais devotada. Corte- «mos ao meio a serpente que ameaça enlaçar- «nos juntos nas suas roscas, para nos envenenar, «depois que nos haja dilacerados os espiritos «n'uma infernal constricção. Lembremos o sup- «plicio de Laocönte! Creia-me, Ernesto! a gran- «deza do sacrificio eleva-nos tanto como nos re- «baixará perante o tribunal da propria conscien- «cia, a fragilidade do espirito. Dê-me a mão, «meu amigo, e ajude-me a lançar sobre este af- «fecto a lousa tumular. Que importa que elle «baixe vivo ao sepulchro, se prolongando-se-lhe «a existencia nos havia de legar mais tarde o «remorso? Agora podemos plantar-lhe ainda sau- «dades em torno da campa: mais tarde, quem «sabe? O filho querido dos nossos espiritos des- «ce hoje virgem á sepultura; depois morreria tal- «vez maculado com o labeu do crime. Este in- «fanticidio não é um delirio de Medéa, é um «extremo do amor maternal, que só vê negru- «mes nos horisontes do futuro do infante que «estremece. Orphãos voluntarios d'esta affeição, «ampara-nos a convicção do dever, e a glória «do triumpho. Trajaremos perenne lucto n'alma, «mas esse lucto será para as nossas consciencias «uma gala. Não lhe digo que se resigne; aconselho-lhe a que seja superior ao soffrimento em «que o acompanha a sua muito amiga — *Clemen- «tina.*»

«Aquellas palavras, com o inflexivel poderio da razão, caiam no meu espirito como gotas de chumbo fundido; sentia evaporar-se-me a alma a cada linha que avançava no fatal escripto, e o meu animo oscillava como imagino que deve acontecer ao reu constricto, que ouve ler, palavra a palavra, a sua sentença de morte!

«Eu estava tão pouco preparado para aquelle golpe!...

«Que noite horrivel a que eu passei! Custa tanto a acreditar na verdade de uma desgraça immensa!

«Conhecia bem o espirito de Clementina para

não duvidar um momento sequer de que fôsse inabalavel a sua resolução. Foi então que me lembrei do sanctuario domestico; que me recolhi no templo do meu passado; e que rociei com os prantos da saudade toda a recordação dos dias da minha meninice: era um asylo, o unico para o infeliz a quem era defeza já a esperança. Foi no manhã seguinte que, nos paroxismos da minha dôr, escrevi no meu *memorandum* as linhas que a tua curiosa amizade d'ahi me roubou e com que encetaste esta pobre narrativa.

«Lembras-te, que eu dizia alli:

«A saudade é um culto, uma religião doce e benéfica, que exerce no nosso espirito toda a «santa influencia das coisas divinas. O passado «é um templo, onde se acolhe penitente o coração torturado pelo delirio das affeições; e a saudade é o cilício que n'aquelle templo cingem «os penitentes. Infeliz do homem que não tem «recordações, como infeliz d'aquelle que não tem «crenças; para este é defeza a doce esperança «da vida porvir, como para aquelle é vedada a «deleitosa saudade da passada vida. E o recordar e o esperar são os dois polos sobre que gyra «toda a existencia do homem; são o parenthesis «solemne, que fecha em si esta oração incidente, «que se chama vida.» Lembras-te?

«Pois bem! eu, de todo o abstracto divagar das minhas recordações, só encontrava no mundo um ponto concreto, onde achar abrigo á minha dôr. Era a extrema reliquia da minha familia, a synthese do meu extinto passado: era minha avó. E eu voltei, pomba sem rumo á area santa, sem levar comigo o ramo da oliveira que symbolisa a paz! Chorei no seio da pobre velhinha! Chorei das recordações que me avivava aquella casa, que fôra berço e templo da minha affeição. Chorei como se chora aos trinta annos, quando as lagrimas, como diamantes fundidos, se nos vem condensar no coração.

«E a boa velhinha, entrevendo na expressão da minha physionomia o symptoma de uma dôr intima, amolleceu a ingenita sequidão do seu espirito e acariciou-me!

«Não sei dizer-te quanta gratidão lhe dei por essa esmola de um carinho, balsamo unico para consolar dôres d'alma!

«As desgraças exercem reciprocamente o contagio da sympathia. O estado da minha alma guiou-me insensivelmente o pensamento para uma sublime infeliz, que, na derradeira expansão do seu talento immenso, immortalisara os mais sentidos versos do E. Vidal. Lembrei com lagrimas aquella magnifica poesia — *Primeiros amores* — que Mariana Rey, o ephemero portento do genio, animou com as maviosas modulações da sua voz morbida, languida, a dizer já, nos flebeis gemidos do cysne moribundo, tristezas da sepultura, enlaçadas aos serenos gosos da vida d'além da campa; e repeti baixinho, como para não quebrar o doce encantamento d'aquellas estrophes que eu ainda conservava intactas ao ouvido:

- Morreu, desfez-se o encanto
- Que eu crêra immenso e eterno,
- Meu sol foi sol de inverno,
- Que aponta e que se esvae.
- Sumiu-se o alvor ethereo
- Do meu viver risonho,
- Como se quebra um sonho,
- Como se extingue um aíl!

- Fiquei sósinho; embalde
- Busquei, já morta a esperança,
- Esta fatal lembrança
- Do coração tirar;
- Oh, mas quem foge á sombra
- Que aos pés triste se enlaça
- Embora a vista baça
- Na luz tente litar!

- Fiquei como estes lyrios
- Ha pouco inda florentes,
- Meus dias innocentes
- Tambem marcharam já.
- Sou como a folha solta
- Que vaga ao longe e ao perto;
- Deus só, Deus sabe ao certo
- Onde essa folha irá!

- O meu amor, meus risos,
- Minha ventura immensa,
- Anjo da minha crença,
- Rosas do meu jardim,
- Sol que me deste alento,
- Manhã sempre florida,
- Vida da minha vida
- Porque morreste assim!

- Ai, Deus! desfez-se o encanto
- Que eu crêra immenso e eterno;
- Meu sol foi sol de inverno
- Que aponta e que se esvae.
- Sumiu-se o alvor ethereo
- Do meu viver risonho;
- Acordo enfim de um sonho,
- E acordo ao som de um aíl!

«A desditosa porém, que assim gemera as tristezas da sua existencia perante um numerosissimo publico, vira descerrarem-se-lhe as portas da eternidade, a prometterem-lhe o imperturbavel e perenne repouso, um mez depois do seu grito sublime; e eu, eu que repetia baixinho angustias não menores, conhecidas só do intimo do meu coração, eu que redizia, em pallido reflexo d'aquella voz melodiosa, os tristes queixumes com que ella expirára nos labios, via desdobrarem-se-me nos horisontes da vida largos dias, promettedores de fartas horas de soffrimento, para abundante colheita de saudades.

«Então invejei a serenidade da morte, mas a robustez da minha compleição vedava-me, com satânico esearneo, até essa doce e extrema aspiração dos que soffrem!

«O suicidio seria desculpavel em casos taes, meu amigo, se não fôsse a suprema covardia ligada ao supremo ridiculo!

«Eu tenho muito orgulho para saber arcar com este soffrimento, que será eterno, se eterna fôr a minha desventura.

«Finda aqui a primeira phase da minha singela historia. Desde esse funesto dia não tive animo ainda para rever Clementina, nem para tentar reatar com ella o doce e innocentissimo entretenimento das nossas relações epistolares. O meu espirito caiu na primitiva apathia; mas a affeição, não morta d'este golpe, ergue-se-me rediviva no coração.

«Se ás vezes penso com serenidade no meu futuro, vejo raiar-me um diluculo de esperança que a razão inexoravelmente condemna logo.

«Tal tem sido a minha vida de ha um mez. Será este o epilogo da historia dos meus amores, ou terá ainda um capitulo complementar, mais risonho e ditoso do que este? Quem sabe? Em

todo o caso serás tu o unico confidente do teu dedicado amigo — Ernesto.»

(Continua)

c. 16.

## SIR ROBERT PEEL

(Continuado de pag. 163)

### II

No primeiro artigo especificámos as principaes providencias que assignaláram a administração de Sir Robert Peel, como ministro da Grã-Bretanha. Se não cabia no possível desenvolver largamente esses importantes pontos, lisongeamo-nos ao menos de que os apresentámos com a sufficiente clareza, em ordem a podêrem ser bem apreciados pelos leitores.

Agora diremos duas palavras, para resumirmos substancialmente a importante biographia de um dos homens mais illustres e mais celebres d'estes nossos tempos.

Peel nasceu a 5 de fevereiro de 1788, em Chamber-Hall, junto de Bury (condado de Lancastre.) Seu pae, do mesmo nome que o illustre filho, adquirio uma fortuna colossal no exercicio da industria manufactora, — exercicio feito em largas proporções, pois que em 1803 occupava quinze mil operarios! O ousado de suas operações, e uma actividade admiravel foram coroados com os melhores resultados; de sorte que aos cincoenta annos de idade estava umas poucas de vezes millionario o pae do futuro grande homem de Estado.

No seio, pois, da maior opulencia nasceu sir Robert Peel, logrando por isso a ventura de não lhe faltar meio algum de educação e instrução; merecendo aliás muitos gabos o afortunado manufactor, porque, em descobrindo as esperanças disposições de seu filho, não poupou recurso algum para as aproveitar.

Logo no collegio de Harrow, mostrou o joven Peel o seu notavel talento, não menos que uma precoce gravidade, e uma grande applicação, — como consta do auctorizado testemunho de Lord Byron, seu condiscipulo. — Na Universidade de Oxford coube a Peel uma distincção muito singular, e da qual parece que não havia exemplo. Quando chegou a vez de ser examinado para receber os grãos, teve a primeira classificação nos estudos mathematicos e physicos, do mesmo modo que nos estudos classicos.

Apenas saio da Universidade, entrou logo na Camara dos Communs; e foi o caso, que, não querendo seu pae perder um instante do futuro que desejava para seu filho, promoveu a eleição d'este pelo burgo de Cashel, no condado de Tipperary na Irlanda. Era no anno 1809, e contava Peel apenas vinte e um annos de idade.

O género de talento e a especial tempera do moço Peel não eram próprios para o recomendar ao público, nem para excitar o entusiasmo da admiração logo nos primeiros tempos da vida parlamentar. Felizmente, porém, os ministros reconheceram sem hesitação o merecimento real do deputado novel. Em 1810 foi Peel nomeado Sub-Secretario d'Estado na repartição das colónias; e em 1812, principal Secretario para os negocios da Irlanda. Em 1821 foi nomeado ministro do reino, e n'esse posto se conservou até á queda do gabinete Liverpool em 1827.

Peel alistou-se desde o principio nas fileiras do partido tory, sustentando e fazendo triumphar

com o maior ardor os principios conservadores. No entanto, cabe aqui registrar uma ponderação atilada, quanto essencialmente significativa, de M. Duvergier de Hauranne: — Notáram-se então em Peel duas tendencias muito distinctas. No tocante ao systema politico, quer no interior, quer no exterior, mostrou-se Peel fiél ás velhas tradições do partido tory, e inimigo decidido de quaesquer reformas. No tocante, porém, á administração e á legislação criminal, deu provas de possuir um espirito largo, esclarecido, e por vezes até ousado. Dest'arte, sustentou, por um lado, o *alien bill*, combateu a emancipação dos catholicos, exaltou a Santa-Alliança; por outro lado, promoveu sollicito o desenvolvimento da instrução primaria, adocou a penalidade, reformou o jury, limitou a jurisdicção dos juizes de paz. Graças a este duplicado character, logrou a simultânea vantagem de conservar o favor dos velhos torys, e de grangear até certo ponto a boa vontade dos reformadores.» —

Logo veremos que esta feliz disposição de Peel, poderosamente auxiliada depois pela influencia de um nobre e consciencioso principio politico, foi parte para que o grande homem de Estado, no decurso da sua carreira ministerial, se tornasse verdadeiramente prestavel ao seu paiz, associando-se á opinião pública nas occasiões em que a via decididamente penetrada da necessidade de alguma grande providencia. Mas antes de tomarmos nota do indicado principio politico, que havemos caracterisado de nobre e consciencioso, concluámos a enumeração dos ministerios em que successivamente entrou.

Depois da morte de Canning, e do breve ministerio de Lord Goderich, voltou Peel ao poder, e d'esta vez com Lord Wellington.

A revolução de França, de julho de 1830, contribuiu para a queda do ministerio em que tamanha parte cabia a Peel.

Em 1834 entrou de novo no ministerio; mantendo-se ali unicamente até abril de 1835.

Em 1841 organisou Peel um ministerio, — para o qual chamou os homens mais notaveis do partido tory, taes como Wellington, Lyndurst, Aberdeen, e alguns Whigs moderados, Ripon, Graham, Stanley. Este ministerio durou até 29 de junho de 1846, succedendo-lhe o de Lord John Russel. — Fóra do poder estava Peel, mas tomando sempre activa e brilhante parte nos debates parlamentares, quando em 29 de junho de 1850 o desastre mais lamentavel o arrojou á sepultura.

Peel no mencionado dia 29 de junho de 1850, tinha ido dar um passeio a cavallo. Quando chegou a um lugar chamado — Constitution-Hill —, ou fôse porque o cavallo se espantasse, ou por effeito do congestão cerebral do cavalleiro, é certo que foi esse derribado por terra com tamanha violencia, que a morte se seguiu no dia 2 de julho immediato.

A perda do grande homem foi chorada em toda a Inglaterra, e vivamente sentida em todo o mundo. Talento, tacto politico, e dedicação aos interesses da humanidade... sumiram-se n'um átomo; e estas preciosas qualidades fazem falta, ainda em um paiz, no qual uma forte educação politica apresenta successivamente os mais distinctos homens de Estado.

(Continua)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.